

Transformações da agressividade

Bullying

THOMAS LEONCINI: Steven Spielberg, Barack Obama, Rihanna, Miley Cyrus, a princesa Kate Middleton, Madonna e Bill Clinton têm algo em comum: em seu período escolar, foram vítimas de bullying e sofreram numerosos episódios de violência. Vamos tentar analisar o bullying, mas partindo de um aspecto incomum. Segundo o pensamento de Arnold van Gennep, um dos mais conhecidos estudiosos de antropologia do século XX, as principais características dos ritos de passagem são construídas, reunidas e formadas em torno de três estágios. O primeiro é o período de separação do indivíduo em relação à comunidade (os chamados *ritos preliminares*, que permitem ao sujeito afastar-se da condição precedente). A esse segue-se o período de margem (aquele chamado de *liminaridade*), no qual ocorre uma verdadeira suspensão de status social; de

fato o sujeito entra numa espécie de limbo que pode representar um perigo tanto para ele quanto para a estabilidade social, porque pode criar um *novo espírito comunitário, uma nova communitas*, como sustentava o antropólogo escocês Victor Turner. Basta pensar que muitas das recentes revoluções sociais anticonformistas tiveram sua gênese mediante situações de liminaridade: os hippies dos anos 1960 são hoje irreconhecíveis antepassados dos jovens *gutter punk* ou dos *dark*, mas estes, por sua vez, são os antepassados dos *emo*,* que hoje talvez só tenham os hipsters como transformação líquida liminar. O terceiro é o estágio da agregação, aquele tecnicamente chamado de *ritos pós-liminares*, porque o sujeito volta, para todos os efeitos, ao seu hábitat como parte integrante e novamente conectada, mas com novas características individuais, que se tornam vivas quando relacionadas às sociais.

Separação, marginalidade e agregação, portanto, esses estágios, se os procurarmos em muitas situações nas quais está difundido o fenômeno do bullying, com frequência tam-

* *Emo*: abreviação de *emocore* ou *emotional hardcore*; originalmente a pessoa que ouve rocks melosos, românticos, a palavra passou a designar um estilo de vida e uma moda associada aos punks. (N.T.)

bém são representativos do percurso que a vítima de bullying sofre, obrigatoriamente. Diante dos ataques do ofensor, sobretudo se reiterados, a vítima se sente psicologicamente (e, muitas vezes, também fisicamente) “separada” dos outros.

Essa vida à parte da vítima não só transtorna seu cotidiano, envolvendo tanto a vida escolar quanto a dos afetos, mas também leva, em alguns casos (não raros), a uma mudança das amizades, dos contatos diários. Pode assim criar um novo *núcleo mínimo* de pertencimento social, e isso coincide com a fase de margem, aquela na qual, como resposta ao desconforto, muitas vítimas de bullying imaginam modos a fim de não sofrer mais, de encontrar outra identidade, visto que a precedente havia trazido, como resultado, muita amargura. Após (ou durante) tudo isso, porém, é inevitável – porque é a sociedade que o impõe – um retorno à base, uma nova agregação; portanto, as relações com os colegas de classe e com a instituição escolar em geral devem ser recuperadas, para não se ficar para trás e evitar insucessos e reprovações em exames. Mas, ao término desse percurso, digamos de alguns meses ou, na pior das hipóteses, de alguns anos, a vítima de bullying retorna à sociedade como pessoa nova, como uma pessoa que traz consigo uma nova identidade social, mais complexa.

O bullying não violento fisicamente pode ser entendido como o equivalente de um rito de passagem necessário para alguns jovens? Os ofensores, isto é, os autores de bullying, nascem importunadores porque o bullying faz parte do seu “habitus”?

ZYGMUNT BAUMAN: O eminente sociólogo e historiador social judeu alemão, naturalizado inglês, Norbert Elias cunhou em 1939 o conceito de “processo de civilização”, entendido não tanto como uma eliminação, para fora da vida humana, da agressividade, da coerção brutal e da violência (ideia que ele provavelmente considerava utópica), mas como – que me seja permitida a expressão – uma “variação dessas três coisas para baixo do tapete”: removê-las da vista das “pessoas civilizadas”, dos lugares que estas provavelmente frequentam, ou até, com muita frequência, dos quais possam apenas ter notícia, para transferi-las a “pessoas inferiores”, excluídas, para todos os efeitos, da “sociedade civilizada”. Os esforços para obter tal efeito se voltaram para a eliminação de comportamentos reconhecidos, avaliados e condenados como bárbaros, rústicos, toscos, descorteses, mal-educados, atrevidos, impertinentes, deselegantes, mal-

criados, desprezíveis, inconvenientes ou vulgares, e, no conjunto, grosseiros e inadequados ao uso por parte de “pessoas civilizadas”, além de degradantes e desvalorizadores, se por elas usados. O estudo de Elias foi publicado na véspera da mais bárbara explosão de violência de toda a história da espécie humana; mas, na época em que foi escrito, o fenômeno do bullying era quase totalmente desconhecido, ou pelo menos ainda não tinha um nome. Quando, nas últimas décadas, a violência voltou preponderantemente à ribalta, e a linguagem vulgar se insinuou no elegante discurso dos salões e mesmo na cena pública, numerosos discípulos e seguidores de Elias anunciaram o advento de um “processo de descivilização” e se empenharam, dando saltos-mortais, em explicar essa repentina e inesperada reviravolta da condição humana, porém com resultado escasso e insatisfatório – pouco convincente.

Vozes mais radicais foram ainda além: remetendo-se ao Spengler de *A decadência do Ocidente* (*Der Untergang des Abendlandes* no original alemão, em que *Untergang* talvez fosse traduzido mais fielmente como “queda”), sugeriram que aquilo que hoje acontece à civilização ocidental é a enésima repetição do modelo que toda civilização,

passada e futura, deve seguir em sua história. Valendo-se de suas peculiares metáforas botânicas, Spengler apresentava aquele modelo como uma sucessão de primavera, com sua criatividade audaz, porque ingênua (muito mais tarde, George Steiner sugeriria que o privilégio de Voltaire, Diderot e Rousseau havia consistido na ignorância deles, no fato de não saberem aquilo que, ai de nós, sabemos hoje); verão, com a maturação de flores e frutos; outono, com o murchar e a queda de flores e frutos; e por fim inverno, caracterizado pelo congelamento e a retomada do espírito criativo em exangue maneirismo desprovido de criatividade. No que se refere ao Ocidente, a passagem da civilidade (espiritual) à civilização (mundana, material, concreta, prática) se verificou em torno de 1800:

Em tais termos se distingue a existência euro-ocidental de antes e depois do século XIX, a vida numa plenitude e numa natureza cuja forma nasce e se desenvolve a partir de dentro, *num só* ímpeto grandioso que, desde a infância do gótico, vai até Goethe e Napoleão; e aquela vida tardia [outonal], artificial, sem raízes, das nossas grandes cidades, cujas formas são traçadas pelo intelecto. ... O homem de uma civilidade vive voltado para o interior, o de uma

civilização vive voltado para o exterior, no espaço entre corpos e “fatos”.*

Há portanto uma escolha, que pode e deve ser realizada, entre propostas interpretativas que descem das alturas sofisticadas, sublimes, e as intenções universalistas da *Geschichtsphilosophie*, a filosofia da história. Nesta nossa conversa, porém, nós nos interessamos por fatores mais terra a terra, prosaicos, mundanos e, em ampla medida, localizados, que animam e forjam os atuais desenvolvimentos de nossa cultura, de nossa mentalidade e dos nossos modelos comportamentais.

TL: E, em nossa modernidade, para onde você acha que o desenvolvimento cultural está se dirigindo?

ZB: O desenvolvimento que você aqui sugere seguir é o retorno da violência, da coerção e da opressão na resolução dos conflitos, em detrimento do diálogo e do debate

* Oswald Spengler, *Il tramonto dell'Occidente. Lineamenti di una morfologia della storia mondiale*, Parma, Guanda, 1991, p.528-9 [ed. bras., *A decadência do Ocidente*, São Paulo, Forense Universitária, 2013].

voltados para a compreensão recíproca e a renegociação do *modus co-vivendi*. Considero que, nesse desenvolvimento, um papel importante foi, é e continuará sendo exercido no futuro próximo pela nova tecnologia da comunicação mediada; não como sua causa, mas como sua crucial condição facilitadora.

TL: O primeiro testemunho é de Michele, hoje com trinta anos:

Ainda tenho pesadelos à noite, eu tinha doze anos, era muito tímido e solitário. Três dos meus colegas de turma me trancaram no banheiro e começaram a me bater, primeiro com as mãos, depois com vassouras e qualquer objeto que houvesse no local. Cinco minutos intermináveis, humilhantes e dolorosos. Enquanto dois me batiam, o terceiro abriu a calça e urinou em mim. Até hoje tenho vontade de chorar quando penso naquele dia, e não só pela humilhação imediata, mas pelo fato de que, no dia seguinte, eu e meu pai denunciemos o ocorrido ao diretor do instituto. Este, porém, pousou a mão no meu ombro e me disse que essas coisas acontecem, que infelizmente os garotos de hoje são assim, mas que esses fenômenos são passageiros, portanto não

havia motivo de preocupação, porque tudo já estaria melhor nos dias seguintes (um dos três era filho de um médico bastante conhecido, muito rico, da minha cidade). Obviamente, os atos de bullying contra mim não cessaram e a situação prosseguiu durante todo o ano letivo.

Michele nos fala da faca de dois gumes do bullying, a mesma lâmina que corta e desce em profundidade, provocando a primeira dor, e depois, não satisfeita, causa uma nova dor quando se retrai, quando desaparece da carne. O diretor da escola (que não compreende o que Michele sente) se transforma por sua vez em responsável pela exclusão social do garoto. Alguma vez você sofreu atos de bullying?

ZB: Sim, e como! De modo constante, cotidiano. Durante todos os anos de escola em Poznań, na Polônia, até que com a explosão da guerra fugi de minha cidade natal com outros dois garotos judeus da minha escola. Obviamente na época eu ainda não sabia nada de sociologia, mas recordo haver compreendido muito bem que ser vítima de bullying era uma questão de exclusão. Você não é como nós, não é dos nossos, não tem direito de participar de nossos jogos, não jogamos com você, se teimar em participar da nossa vida

não se surpreenda se receber pancadas, pontapés, ofensas, humilhações, mortificações.

Muito mais tarde, quando comecei a ler livros de sociologia e aprendi a pensar como sociólogo, compreendi que a exclusão de três garotos judeus numa escola que contava com muitas centenas de alunos havia sido, para os nossos perseguidores, a outra face da medalha da identificação do eu por parte deles. Um pouco depois ainda, segui a sugestão do romancista E.M. Forster, “Only connect”* (“Simplesmente conecte”); dei-me conta de que designar um inimigo e demonstrar a todo custo a inferioridade dele era a inseparável outra face da medalha da identificação do eu. Não existiria um “nós” sem um “eles”. Mas felizmente, para tornar real nosso desejo de comunidade, apreciação e ajuda recíproca, existem “eles” – e eis que consequentemente existíamos, por força devíamos existir como “nós” para manifestar serem eles comunidade, de nome e de fato, e sem jamais nos cansarmos de recordar isso a nós mesmos e de demonstrá-lo/reafirmá-lo, provando-o aos outros ao nosso redor. Para todos os efeitos, a ideia de “nós” não faria sentido, a não ser emparelhada à de “eles”.

* Esta é a epígrafe do romance *Howards End*.

E essa regra, temo, não é promissora para o sonho de um mundo livre de bullying.

TL: Você está falando, portanto, de exclusão. De fato, no segundo depoimento é justamente o sentimento de exclusão que emerge com preponderância.

Laura tem quinze anos e, à diferença de Michele, até hoje ainda não se livrou do problema do bullying, como ela mesma conta:

Não quero ir à escola porque meus colegas fazem com que eu me sinta diferente. Gostaria de ser como eles, mas eles não me permitem. Se me visto da mesma maneira que eles, riem de mim; se me empenho em imitar o que fazem, me desprezam. Meus colegas dizem que eu sou fracassada, que jamais poderei ter amigos ou namorado. E começo a acreditar que eles têm razão. Não sei por que me odeiam tanto, mas sei que isso faz com que eu me sinta muito mal (isso de sobreviver marginalizada). Penso frequentemente no suicídio como solução para minha dor.

Ao que parece, o bullying masculino difere do feminino em muitos aspectos. Por exemplo, entre garotos, na maior

parte dos casos, se recorre à violência física, enquanto entre garotas predomina de longe a violência verbal e muitas vezes silenciosa, mas marginalizante.

Segundo os últimos dados do National Center for Education Statistics (NCES),* um entre cinco estudantes americanos é vítima de bullying; e, como indicam diversos estudos internacionais, um dos principais “móveis” do encarniçamento contra um estudante é sua real ou suposta homossexualidade; mas os estudos também dizem outra coisa: gays e lésbicas têm o triplo de probabilidade de se suicidar.

Desse risco já falava expressamente, alguns anos atrás, o United States Department of Health and Human Services (HHS) de Washington.** O que você acha de tudo isso?

* Trata-se da entidade federal encarregada da coleta e análise de dados relativos à educação nos Estados Unidos e em outras nações. O NCES faz parte do Instituto de Ciências da Formação, integrando o departamento de Instrução Pública. A entidade cumpre uma determinação do Congresso no sentido de coletar, comparar, analisar e relatar estatísticas completas sobre a situação da instrução americana; realiza e publica relatórios; e informa sobre as atividades da educação no plano internacional. Os dados atualizados do estudo sobre bullying aqui citado foram publicados no final de dezembro de 2016; disponíveis em: nces.ed.gov/pubsearch/pubsinfo.asp?pubid=2017015.

** Departamento do governo federal americano que se ocupa da saúde dos cidadãos. Entre suas funções incluem-se gerir a saúde pública, vigiar a saúde privada, desenvolver atividades de prevenção de doenças, controlar a salubridade dos alimentos e a composição dos medicamentos.